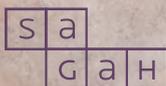


FILOSOFIA

Marco Antônio de Oliveira



SOLUÇÕES
EDUCACIONAIS
INTEGRADAS

Materialismo histórico

Objetivos de aprendizagem

Ao final deste texto, você deve apresentar os seguintes aprendizados:

- Reconhecer como as principais questões relacionadas ao pensamento crítico do Materialismo Histórico nos permitem entender o Capitalismo.
- Analisar a teoria filosófica de Karl Marx e as suas influências.
- **Relacionar os dados históricos da realidade** com os elementos do raciocínio filosófico.

Introdução

Neste capítulo, você vai estudar os elementos fundantes da filosofia materialista de Karl Marx, um dos grandes filósofos do século XIX. A análise e o **método propostos por Marx são uma chave analítica para se entender a dinâmica do capitalismo moderno.**

Ao estudar a filosofia marxista, você vai perceber a sua relevância para a época de seu apogeu, assim como para o mundo contemporâneo. Como você vai ver, os pressupostos marxistas permitem um desvelamento dos elementos nocivos de uma **sociedade ávida pelo lucro e pela visão objetual e mercadológica do ser humano,** frutos do capitalismo moderno.



O materialismo histórico e os seus pressupostos

O materialismo histórico é uma teoria que foi elaborada por Karl Marx (1818–1883) e Friedrich Engels (1820–1895) no século XIX, no período posterior à Revolução Industrial. Ele se sobressai por sua **crítica contundente** ao sistema capitalista industrial. No momento do surgimento do materialismo histórico, a realidade social, a trama da vida, **o ser humano em sua concretude e os problemas de sua historicidade tornaram-se importantes objetos de estudo** da filosofia. Nesse período, a filosofia tomou para si a tarefa de não apenas interpretar o mundo, mas de transformá-lo.



Fique atento

A expressão “materialismo histórico”, embora comumente relacionada à obra de Karl Marx, não foi utilizada pelo filósofo em seus escritos.

Para alguns pensadores dessa época, entre eles Marx, o sistema capitalista industrial, em seu modo operante, gerou distorções e exclusões sociais que precisavam ser eliminadas. Assim, cabia também à filosofia **pensar essa realidade real, concreta e material**, propondo saídas para os problemas existentes. Logo, **o materialismo histórico foi um instrumento (método) afiado de análise histórica e filosófica usado** por Marx para propor um novo caminho para a sociedade europeia de sua época.



Paralelamente, a expansão e a consolidação do capitalismo foi um processo que trouxe consigo novas formas de exploração do trabalho humano. Com isso, alterou-se o cenário das questões sociais, pois — além dos anseios próprios das burguesias — as repercussões da revolução francesa estimulavam as aspirações dos trabalhadores urbanos e rurais por melhores condições de vida. **Em várias sociedades ocidentais, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade conduziam à esperança de que o progresso beneficiaria a todos. Mas não era bem assim o que estava acontecendo. O operariado vivia de forma miserável, sem garantias e direitos, sem liberdades** (COTRIM, 2016, p. 287).



De acordo com a concepção que embasa a teoria marxista, **o capitalismo industrial e os avanços tecnológicos suscitados por ele trouxeram novas formas de exploração do trabalho humano**. Tais formas geraram relações tensas entre dois grupos sociais: a burguesia empresarial e os trabalhadores assalariados. A partir da análise da obra *O Capital*, Cotrim (2002, p. 287) destaca que Marx



Expõe a lógica do modo de produção capitalista, em que a força de trabalho é transformada em uma mercadoria com dupla face: de um lado, é uma mercadoria como outra qualquer, paga pelo salário; de outro, é a única mercadoria que produz valor, ou seja, que reproduz o capital.



Enquanto **teoria e método marxista, o materialismo histórico, que tem como base uma concepção materialista da história, implica que não se pode compreender o indivíduo dissociado de suas condições materiais**. No tocante às relações e condições de trabalho, o materialismo histórico parte do princípio de que no capitalismo industrial **o trabalho havia se tornado uma mercadoria**

 barata (atividade dos trabalhadores), uma moeda de troca, uma atividade massacrante e alienada, que suscitou ainda mais a divisão de classes. “No capitalismo, o trabalhador é reduzido a mero produtor de valor de troca, o que implica a negação de sua existência natural, ou seja, significa afirmar que o trabalhador e, conseqüentemente, a sua produção estão determinados totalmente pela sociedade” (COLMÁN; POLA, p. 183).

De um lado, os trabalhadores (proletários) tentavam sobreviver; de outro, a burguesia, classe que ascendera após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, estava cada vez mais ávida pela obtenção do lucro. Esta última classe era formada pelos donos das fábricas e pelos ricos comerciantes, ou seja, por aqueles que detinham o poder financeiro.

 A história de toda sociedade até os nossos dias é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, mestre e oficial, em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em constante oposição; empenhados numa luta sem trégua, ora velada, ora aberta, luta que a cada etapa conduziu a uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou ao aniquilamento das duas classes em confronto [...] A sociedade burguesa moderna, oriunda do esfalecimento da sociedade feudal, não suprimiu a oposição de classes. Limitou-se a substituir as antigas classes por novas classes, por novas formas de luta. O que distingue nossa época — a época da burguesia — é ter simplificado a oposição de classes. Cada vez mais, a sociedade inteira se divide em dois blocos inimigos, em duas grandes classes que se enfrentam diretamente: a burguesia e o proletariado (MARX, 2012, p. 23–24).

Em síntese, entre as ideias norteadoras do materialismo histórico, as mencionadas a seguir (COTRIM, 2002, 2016) são essenciais para que se compreenda o quanto essa teoria marxista se diferencia dos pressupostos balizadores do capitalismo industrial da sociedade pós Revoluções Industrial e Francesa:

- o desenvolvimento histórico da sociedade se beneficia dos confrontos entre as classes sociais, pois eles são “motores da história”;
- o homem deve ser pensado a partir das condições materiais nas quais ele existe;
- o indivíduo é um ser dependente das condições materiais de sua própria produção;



- o ser humano está condicionado pela forma como se dão as relações sociais, que, por outro lado, sofrem influência determinante do modo de produção da vida material;
- o confronto social se faz necessário para que surja um sistema econômico e social mais humano, que é o socialismo.

Para compreender melhor as diferenças entre os caminhos propostos pelo sistema capitalista e pelo sistema socialista (concepção marxista) desenhado pelo materialismo histórico, observe o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1. Comparação entre capitalismo e socialismo

	Capitalismo	Socialismo
Governo	O capitalismo não assume o papel de uma autoridade pública coercitiva e centralizada. A maioria dos capitalistas defende uma república democrática.	O governo tem o dever de coordenar a produção em favor das necessidades da sociedade; seus membros são eleitos por meio da democracia direta.
Pagamento	Os trabalhadores são pagos somente como força de trabalho. O excedente vai para o capitalista.	Os trabalhadores participam da produção e são pagos com base no trabalho que socializam.
Horas de trabalho	O trabalho é um direito. O dia útil é mais longo para aumentar o excedente de mão de obra. Isso também reduz a necessidade de contratar.	O trabalho é um dever universal. No socialismo, o tempo de trabalho é o menor possível, porque a população empregada é muito grande.
Vantagens	Escolha do consumidor; eficiência na economia; crescimento e expansão econômica.	Necessidades atendidas; mobilização de mercadorias; mais igualdade.
Desvantagens	Monopólios de poder; desigualdade; recessão e desemprego.	Falha histórica; alto custo; menores inovação e crescimento.
Uso da tecnologia	A tecnologia é aplicada como substituta da força de trabalho. O aumento da produtividade significa maior desemprego, compensado pelo grande consumo, que, por sua vez, requer mais força de trabalho.	A tecnologia é um substituto do trabalho, livrando as pessoas das tarefas mais pesadas e as deixando livres para outras ocupações, treinamentos e crescimento pessoal.
Controle dos meios de produção	Os meios de produção são controlados pelos capitalistas.	Os meios de produção são controlados pelos trabalhadores.

Fonte: Adaptado de Bezerra (2019, documento *on-line*).



A filosofia de Karl Marx

Entre os pensadores que buscavam saídas para os grandes problemas do século XIX, o alemão Karl Marx, criador do materialismo histórico, foi um dos mais ávidos proponentes de um novo sistema de relações econômicas e sociais. Segundo Sartre (*apud* COTRIM, 2002, p. 199), “[...] o marxismo é a filosofia do nosso tempo: é insuperável porque as circunstâncias que a engendraram não foram ainda superadas [...]”.

Oriundo de uma família rica que professava a fé judaica, Marx desde cedo mostrou entusiasmo pelo estudo da história, da filosofia e do direito, elementos que dão um tom diferenciado à sua forma de pensar a realidade. Formado em filosofia, Marx cogitou seguir a carreira de docente universitário. Entretanto, ele se envolveu em movimentos sociais de libertação de inspiração socialista e na chamada “esquerda hegeliana”. Esta, entre outros pontos, enfatizava o uso da dialética de Hegel como chave de compreensão da realidade e, ao mesmo tempo refutava a unidade proposta entre religião e filosofia. Assim, Marx teve o seu sonho impedido.

O contato com os textos e as ações desenvolvidas por grupos opositores ao sistema vigente acabou por fornecer a Marx os elementos necessários para que se tornasse o criador do chamado “socialismo científico”, oferecendo embasamento a grandes movimentos de trabalhadores que buscavam melhores condições de vida. Vale destacar que as suas opções políticas foram responsáveis pelas dificuldades financeiras e pelos exílios que ele e a sua família enfrentaram ao longo da vida.

Caminhos propostos e ênfases da filosofia de Marx



Entre os elementos que se sobressaem no pensamento de Marx, está a crítica à filosofia idealista e ao método dialético de Hegel, assim como uma visão negativa do capitalismo industrial. Para Marx, Hegel inverte a relação entre o que é determinante e o que é determinado (COTRIM, 2016). Em sua compreensão, mais importante do que as representações da realidade é a própria realidade, isto é, a realidade material, as condições reais de vida do ser humano. A realidade histórica em que os indivíduos reais vivem, a própria trama histórica, é o que importa para se fazer e se ler a história. Veja:

Os pressupostos com os quais começamos não são arbitrários, nem dogmas, são pressupostos reais dos quais só é possível abstrair na imaginação. Os nossos pressupostos são os indivíduos reais, as suas ações e as suas condições materiais de vida (MARX 2007, p. 41 *apud* MANDELLI, 2017, p. 63).

Na compreensão materialista da história de Marx, o ser humano não pode ser pensado e compreendido fora de suas condições materiais de existência, de suas relações sociais.

As relações sociais

 As relações sociais são determinantes para o ser humano, pois elas podem formá-lo de modo negativo ou positivo. A partir da realidade que presenciava, Marx concluiu que o indivíduo é condicionado pela forma como se dão as relações sociais, que, por conseguinte, são determinadas pela produção material da vida. Ainda que Marx descreva o ser humano como um ser social ativo, pois é ele que constrói a história, afirma que a existência real é definida pelas condições materiais resultantes dos modos de produção. Considere o seguinte:

 [...] a forma como os indivíduos se comportam, agem, sentem e pensam vinculase à forma como se dão as relações sociais. Essas relações, por seu lado, são determinadas pela forma de produção da vida material, ou seja, pela maneira como os seres humanos trabalham e produzem os meios necessários para a sustentação material das sociedades (COTRIM, 2016, p. 297).

A partir desses pressupostos, o marxismo propõe a substituição do sistema de produção capitalista por um modo de produção que difere radicalmente das engrenagens massificantes do sistema operante, focado no lucro. Ou seja, ele propõe um sistema que leve mais em conta não a produção de bens em si, mas o próprio ser humano.

 Para Marx, o ser humano, ao construir todas as coisas e a história, constrói a si mesmo. Daí a importância de se fazer do trabalho, atividade fundamental do ser humano, não algo maçante e alienado, um produto a ser comprado, mas um espaço de realização e gratificação.

A história e a luta de classes

Se para Hegel a história andava sozinha, assim como o rio flui para o mar, em Marx, há uma compreensão distinta. Como destaca Cotrim (2002), para Marx, a história é resultado da ação que os seres humanos constroem a partir das relações sociais e econômicas vivenciadas e estabelecidas pelo modo de produção.

 A partir dessa compreensão, Marx entende a história como movimento processual, dialético e progressivo. Dessa forma, a história não é a história

do desenvolvimento do espírito abstrato até a sua efetivação, e sim a história real, da luta de classes, do intenso conflito entre a burguesia e o proletariado. A primeira vez que Marx expôs a sua concepção de história foi no *Manifesto do Partido Comunista*, datado de 1848. Nessa obra, ele afirma que a história de todas as sociedades até os dias atuais é a história da luta de classes (MARX; ENGELS, 1998).



Saiba mais

A burguesia e o proletariado são duas classes sociais criadas pelo capitalismo. Na burguesia, a renda principal resulta da posse dos meios de produção e da exploração do trabalho alheio. Já a classe dos proletários é formada por aqueles que dependem de um salário para sobreviver. Tal salário é resultante da venda de sua força de trabalho.

O Estado burguês, na concepção de Marx, tem papel fundamental na manutenção da ordem burguesa e, inversamente, na desorganização dos interesses de classe do proletariado. Portanto, ao se opor conscientemente à burguesia em defesa de seus interesses de classe, o proletariado acaba por se apresentar como classe (MARX, 2012). Para Marx, o proletariado, classe revolucionária criada pelo capitalismo e que se forma de maneira processual, pode fomentar o surgimento de um novo sistema de relações sociais e econômicas a partir da busca por melhores condições de existência, rebelando-se contra os ditames da classe dominadora burguesa. Portanto, a luta de classes é parte da dialética materialista.



Partindo desses pressupostos, as ideias, as representações, as relações legais e as formas políticas, bem como as concepções que formam a sociedade, nunca podem ser entendidas por si mesmas, autonomamente, mas, antes, como determinadas pelas condições materiais. Ou seja, as ideias predominantes na sociedade são as ideias da classe social dominante, que detém a força material.



Assim, o materialismo histórico é como um método de abordagem da realidade observada, e não simplesmente uma teoria da história formulada por Marx. O materialismo histórico de Marx, como método de abordagem da realidade social observada, toma as relações sociais concretas travadas entre



os homens como objeto de análise.

A mais-valia

Outro importante tópico da filosofia de Marx é a mais-valia. Para Marx, a mais-valia é a forma de exploração característica do capitalismo. Ela consiste na diferença entre o valor do produto e o valor do capital gasto no processo de produção.

Há dois tipos de capital envolvidos na produção: o primeiro é o capital constante, que consiste no valor dos meios de produção consumidos e que é transferido integralmente para o produto; o segundo é o capital variável, que é utilizado na compra da força de trabalho necessária à produção (LOYOLA, 2009). A chave para a compressão do conceito de mais-valia de Marx está na dinâmica do capital variável. Para ele, é apenas o trabalho que produz valor. Todavia, numa sociedade capitalista, os trabalhadores não são proprietários dos meios de produção; portanto, a única forma de que dispõem para trabalhar, criar valor, é sujeitar-se a um empregador/capitalista.

Contudo, o trabalhador não recebe o valor integral de sua produção, mas apenas um salário (pequena parte de sua produção) atribuído pelos que detêm os meios de produção. Geralmente, tal salário é suficiente somente para que o trabalhador subsista e se reproduza. Ou seja, ele vende a sua força de trabalho em troca de um salário que garante a reprodução de tal força. O valor excedente do trabalho dos assalariados, resultante da diferença entre o valor do produto e o do capital gasto na produção, é a mais-valia, que fica nas mãos do capitalista.

A partir da compreensão desse conceito, é possível identificar uma das maiores críticas de Marx ao sistema capitalista. Ele não apresenta uma crítica moral aos capitalistas, individualmente analisados. O que condena é o próprio sistema, que separa os trabalhadores dos meios de produção, levando-os a vender a sua força de trabalho aos capitalistas. Portanto, o grande motriz revolucionário presente no conceito de mais-valia é a sugestão da possibilidade de os trabalhadores recuperarem quantidades enormes de valor monopolizadas pelos detentores dos meios de produção (ARON, 2005).

A mercadoria e o conceito de valor

Ao falar sobre as riquezas das sociedades, Marx afirma que há uma nova concepção de riqueza no capitalismo: uma nação capitalista será mais ou menos rica de acordo com a quantidade de mercadorias que ela tiver em sua posse. Assim, a riqueza não é considerada um bem interno — como um valor moral ou cultural que deva ser cultivado pelo homem e pela sociedade —, mas um bem material. Portanto, o modo de produção capitalista aparece como um exagero acúmulo de mercadorias (MARX, 1988).



A mercadoria, diz Marx (1988, p. 45), é antes de tudo “[...] um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie [...]”. As mercadorias são diversas, pois possuem diferentes qualidades. Para você compreender a ideia de mercadoria e de riqueza em Marx, deve considerar os conceitos de **valor de uso** e **valor de troca**. A propriedade que a mercadoria possui de satisfazer uma necessidade não é uma propriedade exclusivamente dela, mas é, sobretudo, uma propriedade comum a todos os produtos forjados pela ação humana destinados a satisfazer uma necessidade. Por isso, Marx diz que os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza (MARX, 1988). Todavia, quando os valores de uso são produzidos sob a forma de mercadoria, a eles se agrega um novo simbolismo, o de serem valores de troca; a riqueza passa, assim, a existir sob uma dupla perspectiva: como valor de uso e como valor de troca.



Desse modo, a função original da riqueza — a de servir uma necessidade humana — foi negada e posta em seu lugar uma função nova e estranha — a de servir como suporte do valor de troca. De meta ou fim da produção, o valor de uso foi convertido em mero meio pela forma mercadoria. [...] assim, acima do reino das necessidades humanas e do valor de uso com suas propriedades úteis, é acima do reino das propriedades naturais e originais da riqueza, se elevou um segundo reino, estranho, isolado, separado e autonomizado: o reino da riqueza como coisa — o reino do valor de troca e do dinheiro (ANTUNES, 2012, p. 187).

No entanto, o valor é o único elemento comum a todas as diferentes mercadorias. É uma qualidade social, pois existe somente quando há troca de mercadorias. Ele é algo interno, enquanto o valor de troca, o valor de uso e a própria mercadoria são vistos como elementos sensíveis e objetos externos. Desse modo, o valor é universal e concreto porque ele é a síntese do valor de uso com o valor de troca.



Link

Para compreender melhor o pensamento de Karl Marx, leia o *Manifesto Comunista*, que Marx escreveu com Engels. Para conferir o texto, acesse o *link* a seguir.

<https://qrqo.page.link/4E9Uv>

A realidade histórica e o raciocínio filosófico

Como você já viu, para Marx, a filosofia não deve se contentar em ser meramente um instrumento de interpretação da história passada das sociedades. Se ela deseja compreender verdadeiramente o homem e os seus caminhos, a filosofia necessita vê-lo como um ser real e limitado pela realidade material que lhe é imposta (COTRIM, 2002). Por meio desse processo metodológico, o raciocínio filosófico descobre o quanto a existência humana é marcada por elementos contraditórios (políticos, culturais, sociais, religiosos, econômicos, etc.) que depreciam o ser humano, impedindo-o de ser livre e feliz. Na compreensão de Marx, cabe à filosofia a tarefa de transformar as realidades que oprimem, tornando-as mais humanas e gratificantes para todos.

Marx se mostra consciente dos resultados negativos operados pelo capitalismo moderno em sua insistência de coisificar o homem, o seu trabalho e a sua existência. O quadro com que ele se deparava, no século XIX, era de um número cada vez maior de desempregados. Além disso, massas de trabalhadores tinham de passar muitas horas nos espaços insalubres das fábricas para terem um salário que não lhes permitia nem mesmo adquirir os bens que produziam.

Na visão de Marx, o capitalismo era um sistema que produzia alienação e pobreza para uma enorme maioria. Em contrapartida, uma pequena classe dominante ficava cada vez mais rica, vivendo da exploração do trabalho de milhares de outros seres humanos. Tal classe detinha a riqueza que possibilitava a manutenção de seus privilégios, em detrimento da morte de milhares. Isso atestava, para Marx, que o sistema capitalista havia chegado ao seu extremo mais vil e desumano ao incentivar a exploração do homem pelo homem. Por isso, precisava ser substituído pelo socialismo, um sistema econômico em que o trabalho não seria mais tido como mercadoria a ser comprada ou vendida. A partir dessas constatações, Marx asseverava que o raciocínio filosófico não poderia se abstrair da realidade cruel e desafiante na qual o ser humano estava inserido.

Em síntese, para Marx, se a filosofia quer ser relevante, ela deve propor instrumentos de transformação da realidade e apontar caminhos para a construção de uma sociedade equânime para todos. Toda vez que o filósofo se distancia da realidade social que emerge das relações humanas, na concepção do materialismo histórico, ele se afasta mais da real compreensão da vida e do ser humano.



Referências

ANTUNES, J. A dialética do valor em o Capital de Karl Marx. *Intuição*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 184–198, 2012.

ARON, R. *O marxismo de Marx*. São Paulo: Arx, 2005.

BEZERRA, J. *Capitalismo e socialismo*. 2019. Disponível em: <https://www.diferenca.com/capitalismo-e-socialismo/>. Acesso em: 22 ago. 2019.

COLMÁN, E.; POLA, K. D. Trabalho em Marx e serviço social. *Serviço Social e Revista*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 179–201, 2009. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/2009_2/Artigo%20evaristo.pdf. Acesso em: 22 ago. 2019.

COTRIM, G. *Fundamentos de filosofia: história e grandes temas*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

COTRIM, G. *Fundamentos de filosofia: história e grandes temas*. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

LOYOLA, P. R. G. Valor e mais-valia: examinando a atualidade do pensamento econômico de Marx. *Argumentos: Revista de Filosofia*, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 130–138, 2009.

MANDELLI, B. *Contribuições marxistas para teoria da história: a relação entre estrutura e história*. *Geminal: Marxismo e Educação* em Debate, Salvador, v. 9, n. 2, p. 61–67, ago. 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/14170/14882>. Acesso em: 22 ago. 2019.

MARX, K. *As lutas de classes na França de 1848 a 1850*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Livro I, v. I.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Escala, 1998.

Leituras recomendadas

BONJOUR, L.; BAKER, A. *Filosofia: textos fundamentais comentados*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARX, K. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SCOTTÁ, G. *Karl Max*, 2012. Disponível em: <http://www.sociologia.com.br/karl-marx/>. Acesso em: 22 ago. 2019.

Encerra aqui o trecho do livro disponibilizado para esta Unidade de Aprendizagem. Na Biblioteca Virtual da Instituição, você encontra a obra na íntegra.

Conteúdo:

Sa
GaH

SOLUÇÕES
EDUCACIONAIS
INTEGRADAS